



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES SURDOS/AS NO ENSINO SUPERIOR:
EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19**

ANA KELLY NUNES BEZERRA

MAMANGUAPE-PB

2023

ANA KELLY NUNES BEZERRA

**EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES SURDOS/AS NO ENSINO SUPERIOR:
EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Ptof^a. Dr^a. Elaine Reis Laureano

Mamanguape-PB

2023

ANA KELLY NUNES BEZERRA

**EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES SURDOS/AS NO ENSINO SUPERIOR:
EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Ptof^a. Dr^a. Elaine Reis Laureano

Aprovado em 07 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Elaine Reis Laureano

(Orientadora – UFPB/CCAE)



Prof^a. Ms^a. Walquíria da Silva

(Examinadora 1 – UFPB/CCAE)

 Documento assinado digitalmente
LUCAS ROMARIO DA SILVA
Data: 14/12/2022 12:18:46-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof^o Dr^o Lucas Romário da Silva

(Examinador 2 – UFCA)

Mamanguape-PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B574e Bezerra, Ana Kelly Nunes.

Experiências de estudantes surdos/a no ensino superior: Educação em tempos de pandemia de covid-19. / Ana Kelly Nunes Bezerra. - Mamanguape, 2023.
49 f.

Orientação: Elaine Reis Laureano.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. Estudantes surdos/as. Experiências. Ensino. I. Laureano, Elaine Reis. II. Título.

UFPB/CCAIE

CDU 376.33

Ao meu pai, Ednaldo Francisco Bezerra (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a *Deus*, que me deu a vida e tem sido sempre o meu maior orientador.

A meu pai, *Ednaldo (in memoriam)*, que a todo tempo sempre esteve comigo em todos os momentos da minha vida, obrigada por todo carinho, incentivo, cada história de luta que lembro, sempre me defendendo, e que hoje infelizmente não está mais aqui, mas está junto de Deus cuidando de mim, obrigada Deus e ao meu pai por todas as conversas, obrigada por tudo.

À minha orientadora, a Professora Doutora *Elaine Reis Laureano*, que me aconselhou, incentivou nos estudos nas pesquisas, gratidão.

À minha família, em especial ao meu pai, minha mãe, minhas irmãs, meu esposo *Jânio* e meus sobrinhos, por toda a parceria, torcida e incentivo.

À intérprete de Língua Brasileiras de Sinais, grande profissional e amiga *Cecília*, parceira em tudo, nos diálogos, nos estudos, nas pesquisas, na vida, que esteve comigo compartilhando, com todo seu profissionalismo, me aconselhando a ir em busca de conhecimentos.

Aos meus Apoiadores, amigos e irmãos que os amo profundamente, *Alex, Aline e Girleny* que estiveram juntos de verdade me apoiando no Curso de Letras Língua Portuguesa, com muita parceria, sempre compartilhando positivamente em tudo.

Aos meus companheiros de projetos, de pesquisa e do *Grupo de Estudos Adapta*, nas pessoas de *Alex, Aline, Cecília e Girleny* obrigada pelas partilhas e por todas as adaptações feitas dos mais variados assuntos, sempre muito bons. Obrigada.

A todos os professores do Curso de Letras Língua Portuguesa, meus verdadeiros agradecimentos por terem contribuído para minha formação.

Ao *Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA)*, pela responsabilidade, pelo apoio, pelos intérpretes de Libras, por todas as contribuições, obrigada.

Ao *Grupo de Pesquisa e Estudos Surdos e Estudos Culturais da Educação - SURDEC*.

Aos meus amigos de turma, *Girleny, Aline, Alex, Elen, Alcinélia* que sempre estiveram numa parceria mútua.

A todos aqueles que estiveram comigo durante os trabalhos, seminários e demais atividades, nas construções dos artigos, todos que estiveram juntos compartilhando comigo, toda essa parceria foi importante.

À Professora Doutoranda *Walquíria*, aos intérpretes de Libras, *Cecília Santos*, *Rodolfo Ramos*, *Viviane Cabral*, *Nielson*, *Renata*, *Alex Santos* e a todos os outros que conheci durante essa trajetória, muito obrigada pelo apoio.

À toda Comunidade Surda.

RESUMO

O presente trabalho que tem como objetivo geral analisar as experiências de estudantes surdos/as no Ensino Superior durante a pandemia de Covid-19 no Campus IV da UFPB. O embasamento teórico é composto por discussões decorrentes dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais, a partir de autores/as como Skliar (2005), Dorziat, Morais, Carvalho e Romário (2019), Gesser (2009) e Goldfeld (2002). Além disso, pautou-se em conceitos como experiência (BONDÍA, 2002) e tecnologias digitais (SANTOS, 2021); (GOETTERT, 2019). Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, cuja geração de dados se deu a partir da entrevista semiestruturada. Os resultados evidenciaram as dificuldades que os/as estudantes surdos/as vivenciaram no período de ensino remoto, mas também mostraram algumas contribuições. Em relação às dificuldades, destacaram-se a inadequação metodológica e a limitação de interação entre os/as alunos/as surdos/as e os demais participantes no processo de ensino e aprendizagem dos/as alunos/as surdos/as como professores/as, tradutores/as e intérpretes de Libras e até colegas de turma. As contribuições foram os programas de assistência estudantil que oportunizaram a permanência dos/das estudantes surdos/as na universidade, mas que ainda precisam elucidar algumas adversidades como a contratação de mais profissionais a fim de atender as demandas desses/as estudantes surdos/as. Diante disso, percebeu-se a necessidade de se investir mais em metodologias de ensino que viabilizem maior inclusão e acessibilidade principalmente durante as aulas e nos processos avaliativos. Para além do ensino remoto, identificou-se experiências educacionais vivenciadas pelos/as estudantes surdos/as os tocaram de forma significativa agregando conhecimentos diversos seja por meio da participação como monitores, pesquisadores e como formadores de opiniões. Dessa maneira, é preciso disseminar a Libras no Ensino Superior para que a comunicação entre os pares aconteça de forma significativa e os/as estudantes sejam cada vez mais incluídos/as no ambiente acadêmico tanto durante as aulas quanto em projetos de pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Estudantes surdos/as. Experiências. Ensino Superior. Ensino remoto.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the experiences of deaf students in Higher Education during the Covid-19 pandemic on Campus IV of UFPB. The theoretical basis consists of discussions arising from Deaf Studies and Cultural Studies, based on authors such as Skliar (2005), Dorziat, Morais, Carvalho and Romário (2019), Gesser (2009), and Goldfeld (2002). In addition, it was based on concepts such as experience (BONDÍA, 2002) and digital technologies (SANTOS 2021); (GOETTERT, 2019). This is field research with a qualitative approach, whose data generation took place from the semi-structured interview. The results showed the difficulties that deaf students experienced in the remote learning period, but also showed some contributions. Regarding the difficulties, the methodological inadequacy and the limitation of interaction between deaf students and other participants in the teaching and learning process of deaf students such as professors, translators, and interpreters of Libras and even classmates stood out. The benefits were the student assistance programs that made it possible for deaf students to stay at the university, but that still needed to elucidate some adversities such as hiring more professionals to meet the demands of these deaf students. Given this, it was perceived the need to invest more in teaching methodologies that enable greater inclusion and accessibility, especially during classes and in the evaluation processes. In addition to remote learning, educational experiences experienced by deaf students were identified that touched them in a significant way, adding diverse knowledge either through participation as monitors, researchers, and as opinion makers. In this way, it is necessary to disseminate Libras in Higher Education so that communication between peers takes place in a meaningful way and students are increasingly included in the academic environment both during classes and in research and extension projects.

Keywords: Deaf Students. Experiences. Higher Education. Remote Learning.

LISTA DE SIGLAS

CIA – Comitê de Inclusão e Acessibilidade

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FUNAD - Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência

LB - Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

MEC – Ministério da Educação

PCD – Pessoa com Deficiência

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

TILSP – Tradutor Intérprete de Libras – Língua Portuguesa

SURDEC - Grupo de Pesquisa e Estudos Surdos e Estudos Culturais da Educação

UFCA - Universidade Federal do Cariri

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1. EXPERIÊNCIAS INTRODUTÓRIAS: VIVÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR ANTES DA PANDEMIA DO COVID-19	11
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
3. EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES SURDOS/AS NO ENSINO SUPERIOR NO PERÍODO DE PANDEMIA DE COVID-19.....	22
4. EXPERIÊNCIAS DA PESQUISADORA NO ENSINO SUPERIOR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19.....	40
5. EXPERIÊNCIAS CONCLUSIVAS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

1. EXPERIÊNCIAS INTRODUTÓRIAS: VIVÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR ANTES DA PANDEMIA DO COVID-19

Encarar os desafios do Ensino Superior é lutar pelo que se deseja alcançar tanto para a vida pessoal quanto profissional. Muitos questionamentos me foram feitos ao ingressar em um Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa, dentre eles o mais recorrente foi, como uma pessoa surda ministrará aulas de português sobretudo para alunos ouvintes. Diante disso, trago a resposta neste capítulo introdutório, que eu ou qualquer que seja a pessoa, que for habilitada para tal função pode realizar tal trabalho desde que haja respeito, inclusão e acessibilidade para atender tanto às demandas dos/as professores/as quanto as dos/as alunos/as surdos/as no processo educativo. Nesse sentido, a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, institui a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”. (BRASIL, 2015).

Em seu Art. 53 a LBI diz que “a acessibilidade é direito que garante à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social”. É com base nessa lei e em tantas outras que eu sigo a cada dia lutando pelos meus direitos e de tantas outras pessoas surdas para que possamos participar ativamente nessa sociedade, usufruindo dos nossos direitos e assim como também assumindo as responsabilidades a partir de cada papel que podemos desempenhar enquanto cidadãos.

Neste capítulo, constam as minhas experiências como estudante surda no Ensino Superior antes da pandemia. Ao concluir o ensino médio participei do Enem, foi uma felicidade quando fui aprovada, foi uma felicidade diferente de tudo que eu já senti. Meus pais ficaram muito felizes por eu ter conseguido e por eu ser a primeira pessoa surda da minha cidade (Araçagi) a passar no Enem. Em 2018, ingressei na Universidade Federal da Paraíba como aluna do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa. Minha família sempre me incentivou, principalmente meu pai.

Ao ingressar na universidade, foi bem difícil para mim, demorou em média dois meses para que o tradutor intérprete de Libras chegasse, mas nesse meio tempo consegui os alunos apoiadores, que estiveram sempre em parceria comigo. Em seguida irei mostrar um pouco da minha experiência antes do período de pandemia.

Chegando na universidade, solicitei ao CIA o tradutor intérprete de Libras, mas esse profissional demorou cerca de dois meses para chegar, enquanto isso, a sensação que eu tinha era como se tivesse algo me impedindo de seguir, e toda esse momento de espera me fez recordar de todas as barreiras que eu já havia encontrado no meu caminho. Todos à minha volta falavam que era preciso aguardar pois as solicitações já haviam sido feitas, mas por muitas vezes a minha vontade era desistir. Por muitas vezes durante esses longos dois meses eu cheguei triste em casa, meu pai percebia a minha tristeza, mas meus pais não permitiram que eu desistisse. Foi muito difícil, muitas barreiras e muitas lutas, pois no início não havia tanta acessibilidade, a barreira de comunicação estava lá, faltava algo, os professores não sabiam Libras, não havia uma inclusão completa. A barreira de comunicação estava no restaurante/lanchonete, sempre faltava algo, não tinha cardápio, as outras pessoas conversando e a barreira de comunicação sempre lá, o tempo foi passando e as mudanças foram acontecendo, o restaurante/lanchonete adaptou o cardápio, o cardápio passou a ter imagens e preços, e isso foi muito bom e positivo.

Os amigos que encontrei na universidade, meus companheiros de turma passaram a se interessarem pela Libras e, a barreira de comunicação que existia antes foi sendo transformada em comunicação por meio do curso de extensão em Libras, todas as quartas-feiras pela manhã havia aulas de Libras, foi na verdade um momento de muito ensino e aprendizagem. A partir disso os meus colegas de turma já conseguiam se comunicar comigo, sinalizavam “oi”, e eu inicialmente estranhei, e me perguntei – o que estava acontecendo? e na verdade era o projeto de extensão em Libras que estava construindo um novo momento dentro da universidade, me senti imensamente feliz e as comunicações foram acontecendo, primeiro com conversas simples de forma natural, isso foi muito bom.

Enquanto não tinha o tradutor intérprete de Libras, alguns alunos do curso de extensão em Libras realizaram o trabalho de interpretação em sala de aula, estiveram também juntamente comigo em uma movimentação ordeira e organizada, em que fizemos cartazes e lutamos e pedíamos pela chegada de um profissional tradutor intérprete de Libras, foi um momento de parceria, incentivo e posicionamento firme para que eu não desistisse, esses amigos que encontrei sempre falavam que estavam juntos comigo e também não me deixaram desistir e, sempre me motivaram. Como se pode observar na imagem (Figura 1) abaixo, foi um momento de luta e reivindicação por mais acessibilidade e inclusão, naquele momento para mim, mas entendi depois, que essas ações não serviriam apenas para mim, mas para tantos outros alunos e alunas surdos e surdas que viessem a ingressarem no Campus IV.

Figura 1 - Movimento organizado pelos alunos do Campus IV em prol da chegada do profissional tradutor intérprete de Libras.



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

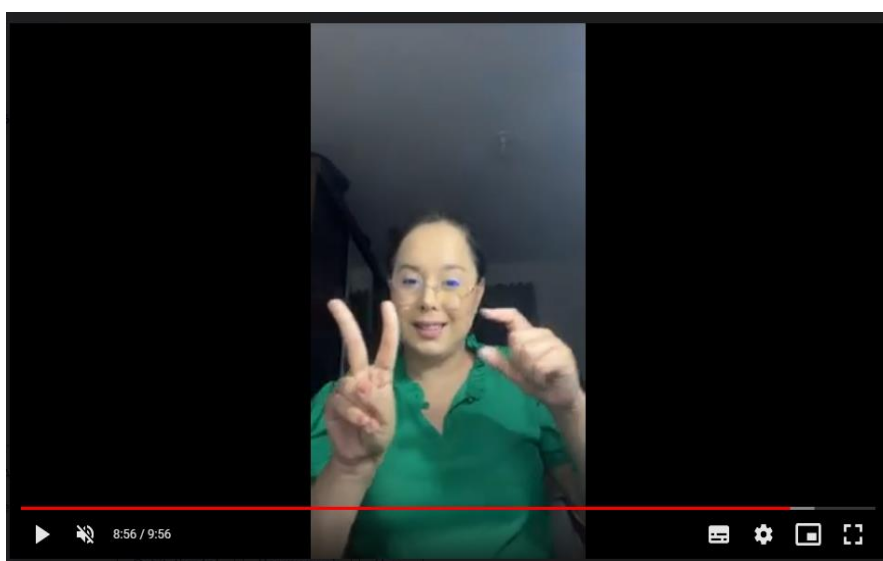
Meus pais também estiveram comigo nessa luta, sempre me incentivando, foi a junção desses dois núcleos (família e amigos) que me fez continuar. Com a chegada da tradutora intérprete de Libras, foi tudo muito bom, bom de verdade, depois de dois meses muito difíceis houve uma partilha diferente, pude aprender e desenvolver os conhecimentos muito mais rápido, essa profissional sempre esteve comigo compartilhando, estudando de forma mais profunda todos os assuntos. E assim a inclusão foi acontecendo para mim. A Declaração de Salamanca (1994) diz que “o movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação”. A minha luta e dos demais alunos e alunas foi justamente em busca do meu direito como uma pessoa surda, todos os dias tenho buscado o exercício dos meus direitos visando cada vez mais a inclusão e acessibilidade.

Nesse tempo, alguns alunos e algumas alunas do curso haviam feito as inscrições para participar da seleção do Programa Aluno Apoiador, e assim passei a ser auxiliada por três apoiadores e isso foi muito bom, sempre estiveram juntos comigo e compartilhando, e essa união entre a intérprete e os apoiadores, sempre trabalhando em parceria foi muito satisfatório. No que diz respeito ao trabalho dos apoiadores, eles faziam os resumos dos textos, sempre buscando adaptar e tornar acessível para que eu pudesse ler e compreender os conteúdos, atividades, além disso, marcavam reuniões para que pudessem me explicar por meio da Libras as dúvidas que surgiam ou até mesmo para discutir os assuntos das disciplinas, esse trabalho era realizado de forma colaborativa com a intérprete de Libras que me acompanhava na época.

Foi com base nesse trabalho colaborativo, no contato diário que criamos o Grupo de Estudos Adapta, esse grupo de estudos foi e é muito importante para mim, é um grupo formado pelos três apoiadores, uma intérprete e eu, assim nos reunimos para conversar, dialogar, trocar opiniões, produzir ideias, sinais que muitas vezes não tinha. A partir da criação desse grupo passamos a produzir conteúdo sobre a Libras para o Instagram e um site, foi na verdade uma forma de divulgar todo o trabalho que estava sendo produzido.

Um dos sinais que lembro de termos criado foi para a palavra verossimilhança (Figura 2), esse termo foi usado nas aulas de literatura, como não encontramos durante nossa pesquisa um sinal para essa palavra resolvemos criá-lo, e assim também aconteceu com tantos outros nomes.

Figura 2 - Sinal: Verossimilhança.



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2023).

Nesse sentido, considero importante trazer esclarecimentos no que diz respeito a Libras e a criação de sinais, Zílio (2012) diz que:

A libras é composta por sinais que correspondem, em português, a palavra, entretanto não se trata simplesmente de uma substituição, uma palavra por um sinal correspondente, ela tem suas particularidades, além de ser independente da língua portuguesa. Ou seja, ela não se reflete na estrutura gramatical da língua oral, mas possui uma estrutura própria, que permite que se visualize a mensagem comunicada. (ZÍLIO, 2012, p. 29).

Posto isto, pode-se perceber que a criação de sinais não é para uma simples substituição, mas que na verdade envolve muito estudo e conhecimento sobre língua, gramática e outros. Para que um sinal seja criado é preciso pensar nos parâmetros formativos da Libras, cada sinal

possui uma configuração de mão, um movimento, uma locação, orientação e expressões manuais e faciais.

Desse modo, sempre foi preciso muito empenho e pesquisa de todos os envolvidos, incontáveis adaptações nas mais diversas disciplinas contidas no cronograma, cada novo período e disciplina matriculada eram novos desafios e reflexões para que eu pudesse seguir estudando. No decorrer de todo esse processo estudos houveram outras necessidades de adaptação, como por exemplo, ocorreram na disciplina de fonética e fonologia, surgiram os seguintes questionamentos: como, eu uma pessoa com uma surdez profunda vou ter que oralizar? Como vou perceber as unidades sonoras da língua portuguesa? Foi uma preocupação tanto da professora quanto minha também, porque essa disciplina em consideração preocupava-se em estudar e investigar os sons das palavras. A partir disso houve muita pesquisa da apoiadora da disciplina, dos outros dois apoiadores e da intérprete, depois de muita pesquisa e diálogos surgiram as ideias, de fazer com que eu percebesse as vibrações das cordas vocais (Figura 3) utilizando as mãos e assim fui percebendo a forma que as palavras eram articuladas e eu fui desenvolvendo e aprendendo.

Figura 3 - Momento de estudo com a apoiadora da disciplina de fonética e fonologia a fim de identificar a partir da articulação oral das palavras os sons vozeados e não vozeados.



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2019).

Além disso, durante os estudos eu observava o movimento da boca, fazendo uma leitura labial e assim eu pude perceber por exemplo as vogais, semivogais se elas eram fechadas, semi-fechada, semi-aberta, aberta, anterior, central, posterior. Após muitos encontros para estudar, a prova foi marcada e solicitei que a professora articulasse a palavra e assim como no momento

de estudos eu rapidamente consegui responder as questões da prova, mas, para isso foi preciso muito estudo, não foi um processo fácil, foram muitas tentativas até que eu conseguisse e compreendesse melhor as ideias. Para que tudo isso acontecesse, a apoiadora da disciplina construiu uma boca em um material chamado Etileno Acetato de Vinila mais conhecido como EVA (Figura 4), isso para que eu visualizasse melhor em que ponto da boca estavam sendo articuladas as consoantes por exemplo, e assim eu pude classificá-las como bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatais, velares.

Figura 4 - Momento de estudo com os materiais adaptados (resumo e maquete).



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2019).

Em meio a esse relato de experiência considero importante esclarecer sobre a leitura labial. Sobre a leitura labial Gesser (2009) diz:

[...] a leitura labial e o desenvolvimento da fala vocalizada são habilidades que precisam de treinos árduos e intensos para ser desenvolvidas. Todos os estudos referentes à leitura labial estão vinculados aos treinamentos fonoarticulatórios e é nesse sentido que poderíamos afirmar que não se trata de uma habilidade natural da linguagem, como é a habilidade para o desenvolvimento da língua de sinais, por exemplo. (GESSER, 2009, p. 60-61).

Julgo como relevante fazer a seguinte observação: a leitura labial é considerada como um meio alternativo de comunicação com a pessoa surda, visto que nem todas essas pessoas fazem leitura labial, eu por exemplo não utilizo da leitura labial para me comunicar, pensar sobre isso é também refletir sobre a individualidade de cada pessoa, é não colocar todos/as às pessoas surdas em uma caixinha, é entender que não são um grupo homogêneo, as pessoas

surdas não são iguais cada uma é singular, possui diferenças e todas as suas subjetividades devem ser consideradas.

Nesse sentido, concordo com Skliar (2005, p. 14), quando afirma que “seria um equívoco conceber os surdos como um grupo homogêneo, uniforme, dentro do qual sempre se estabelecem sólidos processos de identificação”. Ao encontro desse discurso, Dorziat et al. (2020, p. 12) afirmam que “não há uma única forma de ser pessoa surda. Essas pessoas são constituídas historicamente, por um atravessamento de discursos e representações, que constituem diferentes experiências e subjetividades”.

Diante disso, é preciso reconhecer o quanto é importante compreender que cada indivíduo é único assim como as experiências. Assim como nos diz Bondía (2002), o acontecimento é comum e impossível de ser repetido pois cada experiência é singular para cada um. É com base nisso que todas as experiências vividas por mim enquanto uma pessoa surda gerou um saber que não podem ser separados de mim pois está ligado à minha existência e é assim com cada pessoa, por mais que passem por experiências iguais, a forma que cada um é tocado é totalmente diferente. Assim, com cada experiência vivida no ambiente acadêmico fui me reconhecendo ainda mais e me (re)construindo a cada novo conhecimento e, com isso as outras pessoas daquele espaço foram entendendo os contextos da educação das pessoas surdas e, que é indispensável buscar conhecimentos.

Todo o percurso dentro da universidade me fez abrir os olhos, participei de projeto de extensão, projeto de pesquisa, sendo esse último citado que me impulsionou a realização este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. No ano de 2021 recebi o convite da Professora Dr^a. Elaine Reis o Professor Dr. Lucas Romário para participar da pesquisa intitulada de “Experiências relacionadas à educação com pessoas surdas no Ensino Superior em tempos de pandemia de Covid-19: um estudo colaborativo”, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC.

Pesquisar sobre estudantes surdos e surdas do Ensino Superior da UFPB no Campus IV, que estiveram matriculados durante o período remoto é principalmente dar visibilidade a esse grupo minorizado, é compreender os inúmeros desafios a partir das experiências, é dialogar sobre inclusão, acessibilidade, adaptação, é sobretudo refletir sobre a educação das pessoas surdas no nosso país.

A partir do que já foi tratado até aqui, esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar as experiências de estudantes surdos/as no Ensino Superior durante a pandemia de Covid-19 no Campus IV da UFPB. Para tanto, a fim de alcançar o objetivo central, delineamos os seguintes objetivos específicos: Especificar como os processos educacionais no Ensino Superior, no

período de pandemia de Covid-19, foram vivenciados por estudantes surdos/as; identificar os processos educacionais que, para além do ensino remoto, envolveram estudantes surdos/as no período de pandemia de Covid-19; por fim, relatar as minhas experiências enquanto estudante surda do Ensino Superior antes e durante o período de pandemia de Covid-19. No que se refere aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa.

Como embasamento teórico, utilizei as discussões dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais. A partir de autores/as como Skliar (2005), Dorziat, Moraes, Carvalho e Romário (2019), Gesser (2009) e Goldfeld (2002), filiados a esses campos pude dialogar a respeito das temáticas sobre educação de surdos/as, inclusão e a língua de sinais. Também usei os conceitos de experiência e tecnologias digitais, com base nas considerações de Bondía (2002), Goettert (2019), respectivamente.

Em síntese, este trabalho está organizado da seguinte maneira: No primeiro capítulo, no qual preoquei-me com as experiências introdutórias que serviriam de abertura para o trabalho, onde relatei as minhas experiências antes do período de pandemia. No segundo capítulo, em que trago os caminhos metodológicos da pesquisa, que trata desde a abordagem da pesquisa aos sujeitos e consequentemente os direcionamentos para a coleta de dados. No terceiro capítulo, apresento as análises dos dados que dizem respeito às experiências dos/as alunos/as surdos/as entrevistados/as. No quarto capítulo, apresento as minhas experiências no Ensino Superior enquanto estudante surda durante o período pandêmico. Por fim, encontram-se as experiências conclusivas, onde compartilho as reflexões e pensamentos sobre as vivências adquiridas ao longo deste trabalho.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi realizada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mais especificamente no Campus IV - Litoral Norte, nas unidades I e II (Rio Tinto e Mamanguape). Tem foco em estudantes surdos e surdas do Ensino Superior, no Campus IV, matriculados/as no período remoto durante a pandemia de Covid-19. Este estudo fez parte de uma pesquisa ainda maior que se desenvolveu de maneira colaborativa com a Universidade Federal do Cariri (UFCA), que tem como título “Experiências relacionadas à educação com pessoas surdas no Ensino Superior em tempos de pandemia de Covid-19: um estudo colaborativo”. Considerando os resultados da pesquisa citada, senti a necessidade de ampliar, por meio deste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, as discussões iniciadas na pesquisa de iniciação científica e trazer também as minhas experiências como estudante surda do Campus IV, para dialogar com as experiências dos/as participantes entrevistados/as, a vista do fortalecimento do meu e do nosso lugar de fala, particularmente enquanto estudantes do ensino Superior e, de modo geral, como pessoas surdas na sociedade.

Assim, esta pesquisa é caracterizada como uma pesquisa qualitativa na qual, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), “[...] há uma relação entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. É também uma pesquisa de campo pois é “utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”, como diz (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 59). No caso desta pesquisa, a ênfase está nas relações entre os fenômenos educativos que envolveram estudantes surdos/as do Ensino Superior no período de pandemia de Covid-19 e as experiências vivenciadas nesse contexto.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizou-se como material de geração dos dados a entrevista semiestruturada, por meio do qual “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e que às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

Para a efetivação, a presente pesquisa seguiu as seguintes etapas: 1) identificação dos/as estudantes surdos/as matriculados/as no período remoto; 2) elaboração do questionário para a realização das entrevistas; 3) realização das entrevistas de forma remota e presencial e em Libras; 4) tradução das entrevistas para o português (esta etapa foi realizada com o auxílio

dos/as bolsistas do Programa Aluno Apoiador); 5) realização de análise dos dados produzidos. A partir desses encaminhamentos, além, da autora deste trabalho, aluna do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, foram identificados mais dois estudantes surdos/as no Campus IV, da UFPB, que se matricularam e estudaram durante o período de ensino remoto, um é aluno/a do curso de Pedagogia, o qual tratarei pela sigla E1 durante toda a análise e o/a outro/a é estudante do curso de Ciências da Computação, que trataremos por E2.

Para tanto, foram elaboradas sete perguntas no Google Forms e consequentemente aplicadas por meio de entrevistas remota e presencial e em Libras. Assim, as narrativas colhidas durante as entrevistas foram traduzidas para o português na modalidade escrita para que pudessem ser analisadas e refletidas. Para analisar as narrativas e entender os significados das experiências relatadas, busquei compreender acerca das contribuições teóricas dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos e sobre o saber da experiência.

Quadro 1 – perguntas realizadas aos estudantes surdos/as

Perguntas
1) Como foram as aulas no período de ensino remoto, durante a pandemia de Covid-19?
2) Você já tinha tido alguma experiência com o ensino remoto antes? Compare o ensino presencial com o remoto. Tem diferença? Como é a didática e metodologia; relacionamento e interação entre você e os professores, intérpretes e apoiadores?
3) Como foi a sua experiência no ensino remoto? Foi bom? Como ocorreu a adaptação de materiais, provas, aulas?
4) Como era a sua relação com as tecnologias antes do ensino remoto? Houve mudanças?
5) Você participou de outras experiências educacionais além das aulas remotas em sua universidade no período da pandemia? Por exemplo, lives, projetos de extensão, projetos de pesquisa, e outros, quais?

6) Na sua opinião o que você considera importante, e o que poderia melhorar para o ensino para o aluno surdo? O que que falta? E o que você considera como positivo?

7) Na sua opinião você considera as plataformas digitais, como por exemplo, o Moodle Classes, Sigaa, acessível às suas necessidades? De que forma elas têm colaborado?

Fonte: Elaboração da autora com auxílio do grupo de estudo.

Com base nas questões apresentadas no quadro exposto acima, tive a oportunidade de conhecer as experiências dos/as estudantes que, além de mim, estudaram no Campus IV, da UFPB e pude cercar melhor o tema da minha pesquisa para alcançar os objetivos propostos. No capítulo seguinte, apresento, então, as respostas dos/as entrevistados/as com as respectivas análises.

3. EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES SURDOS/AS NO ENSINO SUPERIOR NO PERÍODO DE PANDEMIA DE COVID-19

O presente capítulo apresenta, de forma imbricada, as concepções teóricas que auxiliam na reflexão em torno dos fenômenos educativos que envolvem as pessoas surdas, as experiências dos/as estudantes surdos/as sujeitos da pesquisa e as análises fundamentadas dos dados. Realizando uma volta histórica ao caminho da educação das pessoas surdas no Brasil, é possível afirmar que foi um caminho cheio de desafios e exclusão. Segundo Alves et al (2015, p. 32):

O processo educacional dos surdos apresenta as diversas faces de uma educação excludente, desde que estes deveriam ser obrigados a falar e suas especificidades negadas. Surdos foram obrigados a rejeitar sua língua natural e aprender outra língua de modalidade diferente da sua, a língua oral de seu país, e isto lhes trouxe e traz um grande prejuízo no que diz respeito ao processo de comunicação, tanto na Língua de Sinais como na própria oralização destes indivíduos.

Alves et al (2015), mostram que o processo de educação formal dos surdos no Brasil teve início por volta de 1857, quando Eduard Huet fundou o Imperial Instituto de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro a pedido do Imperador D. Pedro II, que tinha um neto surdo. A partir desse início foram surgindo escolas especializadas para a educação de pessoas surdas além da oportunidade de criar a Língua de Sinais.

Como não tenho a pretensão de me ater ao longo percurso da história da educação das pessoas surdas, principalmente porque esse apanhado já foi feito em diversos trabalhos, considero importante destacar apenas que após muitas lutas das pessoas surdas por uma educação que respeitasse os aspectos culturais e sociais ao longo da história, nos tempos atuais é possível perceber avanços muito significativos nessa trajetória, a exemplo da Lei Federal nº 10. 436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, reconhecendo a Libras como meio legal de comunicação e expressão da Comunidade surda brasileira. Esse reconhecimento foi um marco na educação e na vida das pessoas surdas, tendo em vista que “no momento em que a língua de sinais passou a ser mais difundida, os surdos tiveram mais condições de desenvolvimento intelectual, profissional e social” (GOLDFELD, 2002, p. 38).

Sem dúvida, é por meio da língua que compreendemos o mundo, que buscamos entender tudo que acontece à nossa volta, e isso nos possibilita significar as nossas experiências. Quando falamos de experiências, falamos também de subjetividade de particularidade, conforme nos esclarece Bondía (2002, p. 27):

[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas,

ainda que enfrentam o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.

Compreender que as experiências não se separam do indivíduo que a vive é sobretudo entender definitivamente que cada pessoa é diferente uma das outras, assim sendo não há como encaixar todas as pessoas surdas sob uma perspectiva estereotipada. É pensando nisso que passarei a partir de agora a analisar de maneira respeitosa e ética as narrativas dos/as estudantes surdos/as que aceitaram participar dessa pesquisa.

Conforme apresentado no quadro que se encontra no capítulo metodológico, na primeira pergunta, foi questionado aos/as E1 e E2: Como foram as aulas no período de ensino remoto, durante a pandemia de Covid-19? As respostas veremos a seguir, para que possamos tentar compreender e refletir como ocorreram as experiências vivenciadas no período de ensino remoto.

E1: Primeiro, eu comecei a estudar no ano de 2020. No mês de agosto procurei a coordenação do curso, comecei estudar já no virtual, fiz a inscrição de três disciplinas, procurei também as informações com o CIA¹ para solicitar o intérprete, fiquei muito preocupado porque demorou quase um mês pra chegar os intérpretes. Foi muito difícil pra mim. Uso o computador normalmente nas aulas virtuais, mas foi passando o tempo e fiquei preocupado porque eu estava sem aluno apoiador e os apoiadores da lista já estavam todos ocupados. No ano de 2021, eu consegui um apoiador e juntos pudemos compartilhar, conversar, estudar. O tempo foi passando e as aulas remotas continuaram, foi muito difícil porque passei a sentir muita dor nos olhos, ficaram vermelhos, muito tempo usando o celular, muitos grupos de estudos no WhatsApp, estudando na madrugada, muita preocupação e cansaço devido às atividades, bem difícil estudar nessa pandemia.

E2: Tem o lado bom e o lado ruim. O lado bom é que eu não preciso ficar me deslocando para o centro universitário, porque eu estudo em Rio tinto e moro em João Pessoa, então

¹ O Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA) da UFPB é um órgão interno da instituição responsável por viabilizar a inclusão e acessibilidade para os alunos/as com deficiência da universidade.

não é preciso que eu fique indo e vindo, não gasto combustível. Eu fico em casa, tenho tempo de descansar, acordo pra estudar porque as aulas são remotas e o lado ruim é que depende do professor, de como ele ensina, tem professor bom, um profissional que tem uma qualidade de ensino clara nas aulas remotas e alguns outros professores não é bom, tem mais dificuldades, não há uma comunicação boa, é difícil.

Na resposta dada por E1 e E2 é possível perceber vantagens e desvantagens conforme as percepções e experiências dos/as mesmos/as. Mais especificamente na narrativa de E1 são apresentadas informações muito importantes que revelam muito sobre as políticas de inclusão e acessibilidade no Ensino Superior. E1 ao relatar sobre seu ingresso no curso já no ensino remoto, cita que enfrentou dificuldades com relação a chegada do profissional tradutor intérprete de Libras e que recorreu ao Comitê de Inclusão e Acessibilidade - CIA. Para compreender melhor sobre o que é o CIA precisamos acessar a Resolução de nº 34/2013 que institui a Política de Inclusão e Acessibilidade da Universidade Federal da Paraíba. Sei que o foco da pesquisa não é tratar especificamente das resoluções do CIA, no entanto, considero importante trazer algumas informações.

O Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba, em uma reunião realizada em 26 de novembro de 2013 resolve instituir a Política de Inclusão e Acessibilidade da UFPB por meio da resolução de nº 34/2013, que tem como princípios e valores:

I. a inclusão vista como um processo de atender e de dar resposta à diversidade de necessidades de toda a comunidade universitária, através de uma participação cada vez maior na aprendizagem, nas relações interpessoais, nas decisões para a construção de uma cultura inclusiva; II. a acessibilidade entendida como “condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação”, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida; III. a integração dos setores da UFPB que tratam da Educação Especial, nas suas diferentes especificidades; IV. os direitos humanos e a igualdade de direitos de todos; V. o combate a todas as formas de discriminação baseada nas diferenças humanas; VI. a criação de oportunidades igualitárias de participação. (UFPB, 2013, p. 1).

Segue descrito no Art. 5º, que compete ao CIA garantir que os processos seletivos da UFPB sejam acessíveis, que desenvolvam ações a fim de promover cursos de capacitação para a comunidade acadêmica, apoiar e orientar as Coordenações de Curso para que elas identifiquem, acompanhem e desenvolvam ações que possam suprir as demandas desse público tanto da graduação quanto da pós-graduação, além da implementação de soluções que eliminem desde as barreiras atitudinais quanto arquitetônicas, pedagógicas e de comunicação e dentre

outras ações de incentivo e estímulo e criação de projetos e pesquisas que atendam a comunidade acadêmica.

E1 relata sua preocupação por não ter conseguido um/a aluno/a apoiador/a e só no ano seguinte após seu ingresso no curso ele consegue um apoiador e a partir daí juntos puderam compartilhar, conversar e estudar. O aluno apoiador tem um papel muito importante dentro da comunidade acadêmica no que diz respeito à política de inclusão e acessibilidade. Conforme o Manual de orientações ao estudante apoiador (2016), “o Programa de Apoio aos Estudantes com Deficiência pertence ao Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA) da Universidade Federal da Paraíba que é vinculado diretamente ao Gabinete da Reitora”. Este programa através da LDB N.º 9.394, de 1996, mais especificamente em seus artigos 58, 59, e 60, preveem o atendimento educacional especializado para este público nos diferentes níveis de ensino.

Diante desse primeiro relato pude perceber que já existem Políticas de Inclusão e Acessibilidade dentro da universidade e que é um ganho para toda a comunidade surda, são na verdade novos caminhos que tem sido construído para educação das pessoas surdas. Sabemos que existem as questões burocráticas para a publicação de editais, a contratação de profissionais para atender as demandas dos estudantes e isso acaba marcando de forma negativa algumas experiências que acabaram sendo somadas a tantas outras dificuldades encontradas no período de aulas remotas.

No que se refere ao período pandêmico foi difícil para todos, cada um viu e experienciou de uma forma, assim como também cada setor da sociedade que precisou se reinventar para atender as demandas já existentes como as que surgiram juntamente com o advento da pandemia. A educação por sua vez adotou a modalidade de aulas remotas. O Ministério da Educação (MEC) no uso de suas atribuições dispôs a portaria de nº 343, de 17 de março de 2020, que trata sobre a substituição das aulas presenciais em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação enquanto durar a situação de pandemia do Covid-19.

O E2 pontua de forma mais direta o lado bom e o lado ruim durante o ensino remoto, faz uma comparação entre as aulas presenciais e remotas, relatando que o lado bom das aulas virtuais é a economia no que se refere ao tempo de deslocamento e dinheiro devido ao deslocamento de sua residência até o campus da universidade, comenta ainda que estudando em casa pode organizar melhor o seu tempo de estudo. Relata que a parte ruim das aulas remotas é a dificuldade que alguns professores têm em relação a nova configuração de aulas adotadas mediante a pandemia de Covid-19, além disso cita que a comunicação é bem mais difícil.

A vista desses relatos de experiências é perceptível ver os desafios enfrentados por esses estudantes mediante a nova modalidade de ensino que passou a ser remota, tanto as questões que atravessam a esfera das políticas de assistência estudantil até as questões comunicativas. No que diz respeito ao comentário de E2 sobre a qualidade profissional dos/as professores/as que elenca como bom ou ruim, trata-se da forma de como os professores agem sobre a inclusão e acessibilidade seja durante as aulas, no desenvolvimento das atividades, trabalhos, avaliações, adaptações das aulas e de materiais que são imprescindíveis para que o/a estudante surdo/a possa participar das aulas e realizar suas atividades de maneira inclusiva e acessível às suas necessidades. Souza (2022), ao tratar sobre a experiências de professores/professoras do ensino superior com estudantes surdos/as em tempos de pandemia, afirma que é imprescindível que os profissionais que trabalham com pessoas surdas devem participar de cursos de capacitação “visto que conhecer sobre as especificidades culturais dos surdos e as particularidades da língua de sinais são formas de compreendê-los e respeitá-los como sujeitos de diferenças linguísticas que são”. (SOUZA, 2022, p. 41).

Essas discussões trazidas até aqui vão ao encontro ao Decreto de nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e inclui a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, do nível médio e superior. Assim, é esperado dos/as professores/as de estudantes surdos/as que se aproximem cada vez mais das questões que envolvem a educação especial, se apropriem do conhecimento que envolva as especificidades de seus alunos para que assim possa desenvolver as melhores estratégias de ensino e adaptações necessárias para o desenvolvimento dos mesmos. Assim, os profissionais formados após o decreto que inclui a Libras nos cursos de formação de professores têm uma base para o trabalho com os/as alunos/as surdos/as que possivelmente encontrarão em salas de aula, no entanto os profissionais formados antes do decreto devem de fato ir em busca por capacitações para que possa fortalecer cada vez mais suas práticas em sala de aula.

Ainda dentro do contexto sobre o ensino remoto considere importante aprofundar o questionamento com o E2 e fiz a seguinte pergunta: Como você tem se sentido em relação a esse período de aulas com o uso das tecnologias?

E2: É como eu falei antes, tem o seu lado bom e tem o lado ruim, eu gosto porque não é preciso eu estar me deslocando, dá pra estudar em casa mesmo, dá pra organizar meu horário está na minha responsabilidade, mas tem o outro lado ruim também, quando, depende muito do professor, tem professor que não se comunica bem com o aluno, se vira, tem alguns desafios por exemplo, quando tem dificuldade em alguma coisa, quando não fica claro e precisa perguntar, fazer alguma pesquisa, não tem uma orientação, é difícil. Então eu me senti mais ou menos, as aulas remotas são boas pra mim, mas às vezes sinto falta de um diálogo de conversar com as pessoas. Eu estudo Ciências da Computação né, então a tecnologia vai estar sempre evoluindo né então vai ter sempre que se adaptar à tecnologia.

Em resposta a esse novo questionamento E2 reitera alguns pontos já mencionados como o lado bom e o ruim do ensino remoto, mas apresenta uma informação interessante que nos chama atenção que é sobre a comunicação, seja entre aluno e professor/a ou até mesmo no que se refere às interlocuções mais simples. A partir desse relato, podemos compreender como a comunicação e interação entre os sujeitos de linguagens são essenciais e, quando se trata de uma pessoa surda, a Libras assume um papel indispensável por ser a forma que lhe permite se expressar como mais facilidade, por isso as pessoas surdas em contato com sua cultura e sua comunidade, sentem-se apoiadas, representadas e acolhidas. Entender e conhecer sobre a cultura surda é papel de toda a sociedade.

E2 fala também sobre a evolução da tecnologia e que sempre será preciso se adaptar a ela. De fato, as tecnologias tiveram um papel importante nesse momento delicado em que foi preciso se adaptar rapidamente para que fosse possível dar continuidade ao ensino tanto nas escolas quanto nas universidades. Conforme ressaltado em Santos (2021, p. 75), “é verdade que a utilização das tecnologias se intensificou nos últimos tempos. Fato este que ajudou muito os surdos porque apareceu como suporte informacional de Libras”. Hoje as informações são mais acessíveis, temos visto muitas pessoas surdas nos mais diversos espaços da sociedade, não mais como telespectadores, mas sim como protagonistas de suas próprias histórias.

A segunda pergunta prevista no questionário foi a seguinte: Você já tinha tido alguma experiência com o ensino remoto antes? Compare o ensino presencial com o remoto. Tem diferença? Como é a didática e metodologia; relacionamento e interação entre você e os professores, intérpretes e apoiadores?

E1: É diferente, depende das disciplinas, algumas estão presenciais e outras virtuais, a coordenação e o departamento não pode exigir dos professores para dar aulas presenciais, é bem difícil. Eu tenho vontade de estudar presencialmente, mas os casos de covid aumentaram muito nos últimos anos, muitas pessoas morreram, e precisamos ficar em casa, estudar remotamente, e os dias tem passado, tenho aprendido, estudando bastante. Na sexta-feira estou sem o intérprete de Libras, nas aulas da segunda-feira, quarta-feira e quinta-feira eu tenho intérpretes, na sexta-feira eu fico sem e é um sufoco. Já solicitei a coordenação do CIA, eles já sabem, mas informaram que não tem intérprete disponível pra mim na sexta-feira, e é bem difícil.

E2: Presencialmente eu gosto mais, porque o professor me vê, me conhece e vê a experiência como é conviver com um aluno surdo, como eu. Tem intérprete e a atenção precisa ser em dobro, porque nas aulas remotas eu tenho um pouco mais de dificuldade, porque a comunicação não é muito clara, porque em algumas coisas eu preciso de acessibilidade e não tem. Então, eu acho que a minha comunicação com o professor diminuiu em relação ao as aulas virtuais, presencialmente é melhor.

Ao analisar as respostas, podemos perceber a preferência dos alunos pelas aulas presenciais devido aos diversos desafios encontrados na modalidade remota de ensino, principalmente no que está relacionado às questões sobre a inclusão e acessibilidade. O E1 relata a dificuldade de não ter o profissional tradutor intérprete de Libras em todas as aulas, a partir daí podemos refletir um pouco sobre os problemas que a falta desse profissional faz na formação desse aluno, de forma que muito do conhecimento compartilhado em aula pelo/a professor/a ficará perdido comprometendo a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento no curso.

Na resposta de E2, é apresentado também um ponto de reflexão muito importante sobre a comunicação nas aulas remotas, diz que tem mais dificuldades devido à falta de clareza em algumas situações e que precisa de acessibilidade e que esta diminuiu devido o contato direto que o formato presencial possibilita. À vista disso, é importante discutirmos aqui sobre a acessibilidade e, a Portaria de nº 3.284/03 pode nos esclarecer sobre alguns requisitos de acessibilidade para pessoas com deficiência que institui as instituições a esse respeito. De acordo com a referida portaria:

III. quanto aos alunos portadores de deficiência auditiva, compromisso formal da instituição, no caso de vir a ser solicitado e até que o aluno conclua o curso: de propiciar, sempre que necessário, intérprete de língua de sinais/língua portuguesa, especialmente quando da realização e revisão de provas, complementando a avaliação expressa em texto escrito ou quando este não tenha expressado o real conhecimento do aluno; b) de adotar flexibilidade na correção das provas escritas, valorizando o conteúdo semântico; c) de estimular o aprendizado da língua portuguesa, principalmente na modalidade escrita, para o uso de vocabulário pertinente às matérias do curso em que o estudante estiver matriculado; d) de proporcionar aos professores acesso a literatura e informações sobre a especificidade linguística do portador de deficiência auditiva. (BRASIL, 2003, p. 1).

Como se pode ver é um direito do/a estudante surdo/a ter acessibilidade no decorrer de todo o curso, mas as experiências compartilhadas pelos estudantes revelam que existem falhas e que foram potencializadas no período remoto, seja sobre a falta do intérprete ou até mesmo relacionado a comunicação entre o aluno e o professor. Pensando nisso, a CIA publicou em julho de 2021 a “Cartilha de Orientação para Docente: como receber os estudantes surdos no período remoto”, nela os professores puderam encontrar sugestões com o objetivo de auxiliar o professor no processo de inclusão de alunos/as surdos/as. A cartilha engloba assuntos esclarecedores sobre a Libras, sobre orientações acerca das aulas remotas, sobre adaptações no que se refere ao processo de avaliação, sobre a importância do profissional intérprete em sala de aula. Consideramos a produção desta cartilha como algo muito positivo e direcionado para questões muito importantes que precisam ser vistas e pensadas.

Mais especificamente sobre os intérpretes a cartilha diz que “o TILSP contribui tanto para a acessibilidade comunicacional do estudante surdo, como para a sua compreensão, enquanto professor, sobre o que é sinalizado por esse discente”. (UFPB, 2021, p. 16). Completa ainda que para que o potencial desse profissional seja bem aproveitado, é necessário parceria entre intérprete e o docente, é na verdade um trabalho de cooperação. Diante disso, apesar das dificuldades ainda encontradas é notória a preocupação por parte da instituição em tentar solucionar os problemas de forma a refletir, produzir, divulgar materiais tão importantes como essa cartilha que auxilia a prática docente, que tenta assegurar o direito das pessoas surdas fazerem parte da instituição.

O terceiro questionamento foi o seguinte: Como foi a sua experiência no ensino remoto? Foi bom? Como ocorreu a adaptação de materiais, provas, aulas? A partir deste obtivemos as seguintes respostas:

E1: Muito boa essa pergunta, depende do professor, uns envia no e-mail, no grupo, no meu contato particular, no Sigaa, pego o texto e peço para traduzir em Libras, não é muito texto, são textos simples e curtos, não são extensos, é enviado para a tradução, o intérprete tem quinze dias para traduzir e me enviar. São atividades simples, na verdade depende da atividade, tem umas simples e outras não, então é bom que as atividades sejam sempre traduzidas, as provas também, sempre adaptadas e eu tenho gostado bastante.

E2: Mais ou menos, tem muito texto, tem site que precisa acessar para fazer prova que é o Google Forms, eu vou lá respondo, posto, espero o professor responder, não tem muita conexão de explicar, como é que vai acontecer a prova, por exemplo um caso de dúvidas, perguntar, então, precisa entrar no Google Meet ou acessar o WhatsApp e mandar mensagem, para mim poder ter uma resposta mais clara sobre a prova ou para fazer exercício.

Diante das respostas dos/das estudantes é possível perceber que durante as aulas foram utilizados como recurso as plataformas do Sigaa, Google Meet, WhatsApp, Google Forms, E-mail para que fosse possível acessar os conteúdos, as aulas, as atividades, as provas e demais atividades, e que o nível de dificuldade depende muito do curso, da disciplina e das metodologias adotadas por cada professor/a. Diante disso, acreditamos que seja importante destacar a individualidade de cada pessoa surda, pois cada uma precisa de mais ou menos adaptações, a depender de suas características e necessidades diante dos conteúdos ofertados, e que não há uma única forma de ensino universal para ensino das pessoas surdas.

Políticas voltadas para o Ensino Superior com pessoas surdas tem sido implementada, no entanto, ainda é preciso pensar e avançar muito em relação a isso. Como diz Alves et al. (2015, p. 37), “são inúmeros os desafios enfrentados por alunos surdos que lutam por uma educação que respeite suas diferenças. O que encontramos é uma pedagogia de ouvintes para ouvintes ou de ouvintes para surdos que não conhecem as especificidades do indivíduo surdo”. No depoimento dos estudantes entrevistados é perceptível que as questões de adaptações dependem de cada professor, e que exige tempo. A respeito da adaptação compreendo que é uma ação de oportunizar o acesso, de incluir, de reconhecer as diferenças entre as pessoas e de respeitar à igualdade de direitos permitindo que todos tenham as mesmas oportunidades.

No caso da tradução de materiais para a Libras, consideramos como um serviço essencial para os/as estudantes surdos/as, pois na universidade há muitos textos escritos em língua portuguesa, o que não é muito acessível para os alunos/as surdos/as, da mesma forma quando os/as professores/as mandam músicas ou vídeos no *you tube*, esses materiais que os/as estudantes surdos/as não conseguem compreender por falta de acessibilidade linguística, por isso, precisam ser traduzidos.

Dentro desse contexto de aulas remotas, foi necessária a adaptação por parte dos/as alunos/as, professores/as e toda a comunidade acadêmica quanto ao uso das tecnologias, pois para algumas pessoas foi mais fácil, mas para outras nem tanto, principalmente no que se refere ao acesso aos recursos como computadores, celular, e o próprio manuseio desses materiais e sites e demais plataformas digitais. As orientações dadas pelo CIA por meio da cartilha no que se refere às aulas remotas, vão desde orientações gerais que devem ser dadas logo no início das aulas que é deixar a turma ciente de que há um estudante surdo e que haverá um tradutor intérprete e que isso modifica um pouco da dinâmica das aulas motivado pela necessidade de algumas adaptações como por exemplo a gravação da aula que pode ser realizada pelo monitor da turma ou pelo apoiador. A adaptação e exploração da linguagem visual por parte do professor ou até mesmo a velocidade que o professor deve falar (o indicado é que fale devagar).

Com base em UFPB (2021, p. 16), no que diz respeito ao processo de avaliação da disciplina é sugerido que seja dado "preferência as avaliações que permitam ao surdo de se expressar em sua língua, sendo traduzidos pelos intérpretes para o professor/ e ou para a turma", dentre outras formas é indicado seminários, debates, júris, simulados e em casos de materiais que precisam ser escritos como TCC, artigos, resenhas e outros, estes podem ser feitos em Libras pelos alunos e consequentemente traduzidos pelo intérprete de libras para ser entregue em vídeos ao professor. Diz ainda que "se a avaliação precisa ser impreterivelmente em língua portuguesa escrita, deve-se flexibilizar a correção, priorizando a semântica em detrimento da gramática" (UFPB, 2021, p. 16).

Posto isso, mais uma vez é notório o compromisso que a instituição, o CIA, tem munido os seus colaboradores com informações precisas para que a inclusão e a acessibilidade se estabeleçam cada vez mais e permita que todos os estudantes possam concluir o processo de formação de maneira respeitosa e com a garantia de que os seus direitos serão garantidos.

Para dar continuidade a entrevista, direcionei-me ao quarto questionamento: Como era a sua relação com as tecnologias antes do ensino remoto? Houve mudanças?

E1: Eu já uso o computador, comecei no ano de 2020 com um computador, mas agora em 2022 ele quebrou, levei para o conserto, mas ficou muito caro, então no momento eu tenho usado o celular durante as aulas remotas, mas no mês de março eu comecei a estudar presencial no campus de João Pessoa, no campus de Mamanguape continuo sem aulas presenciais.

E2: No começo era um pouco difícil, não tinha legenda, eu tinha dificuldade para poder mexer, porque eu não conhecia como funcionava, agora eu acho bom porque tem acessibilidade, tem legenda, é fácil, tem o *face time*, porque eu vejo o que eu quero, marco a pessoa e fixa na tela, marco outra, tem a legenda, se o intérprete não tem como me dar suporte, mas tem a legenda, pra mim é bom e interessante a acessibilidade. Eu penso que agora a pandemia está acabando, vai mudar tudo, não vai existir só aula presencial, vai ser híbrido, vai ser virtual ou presencial, vai depender muito do professor escolher. Eu estudo Ciências da computação, então a tecnologia vai estar sempre evoluindo vai ter sempre que se adaptar à tecnologia.

As respostas dos/as estudantes mostram o relato sobre a dificuldade inicial do uso e de acesso às tecnologias, afirmando que o processo de adaptação foi importante para que um tempo depois pudessem utilizar desse meio sem tantos transtornos, aproveitando os mais variados recursos com acessibilidade, como, por exemplo, o uso da legenda, a funcionalidade de poder fixar na tela do computador a pessoa que está fazendo uso da palavra no momento da comunicação e que todo aprendizado experienciado durante esse período de aulas virtuais tem a contribuir para novas formas de ensino e aprendizado mesmo depois que as aulas presenciais retornarem. O E2 expressou a dificuldade com relação a ausência do recurso da legenda, que é importante para os alunos/as surdos/as, uma vez que é mais um recurso visual, ter acesso ao que é falado pelos ouvintes por legenda é algo que contribui para o nosso entendimento junto com os demais recursos, no caso a interpretação dos intérpretes. Goettert (2019, p. 126), sobre o auxílio tecnologias na comunicação em língua portuguesa para usuários da Libras diz que:

A leitura da legenda, desde o seu surgimento, contribuiu para a aproximação da língua escrita pelos surdos, ao mesmo tempo em que tem instigado o aperfeiçoamento de suas estratégias de leitura, os surdos passaram a se adaptar à leitura das informações e à velocidade com que o texto passa pela tela. Existe uma necessidade de saber o que está

sendo dito e, na ausência das informações, o sentimento de apreensão é comum a esses usuários.

A leitura da legenda na verdade desafia as pessoas surdas a desenvolver o entendimento do português em sua modalidade escrita, e é um importante recurso. Cabe ressaltar que “o fato de o surdo se comunicar com base na língua de sinais exige dupla apropriação no que se refere ao texto escrito, assim não se trata, portanto, de uma simples transcodificação e interpretação” (GOETTERT, 2019, p. 126). As tecnologias têm ocupado um papel muito importante na vida das pessoas surdas, seja na facilidade em promover a comunicação, a socialização e a apropriação de conhecimentos da língua escrita, no nosso caso o português. Atualmente nós podemos notar que as pessoas surdas têm ocupado os diversos espaços na sociedade e isso se dá também devido a evolução das tecnologias.

Assim, o período de pandemia e por consequência as aulas remotas, intensificou-se ainda mais o contato e o uso das mais variadas tecnologias e isso tem feito eles ganharem cada vez mais autonomia. Segundo Goettert (2019, p. 126):

A autonomia dos surdos é produzida na busca de respostas e caminhos que são construídos, de maneira mais independente e que, com o auxílio da tecnologia digital, promovem mudanças. A resolução das dúvidas agora está ao alcance dos surdos, seja por meio da língua de sinais ou da língua portuguesa.

Posto isto, não podemos deixar de mencionar a importância das pessoas surdas aprenderem também a língua portuguesa, pois isso está relacionado com a possibilidade de ampliação da comunicação.

Sabemos que a UFPB atua a partir de três pilares que são: o ensino, pesquisa e a extensão e pensando nisso o quinto questionamento feito durante a entrevista foi o seguinte: Você participou de outras experiências educacionais além das aulas remotas em sua universidade no período da pandemia? Por exemplo, lives, projetos de extensão, projetos de pesquisa, e outros, quais? E obtivemos as seguintes considerações.

E1: Sim, no ano passado eu entrei no projeto de extensão em Libras junto com a professora de Libras de Mamanguape, eu era voluntário, estava sempre junto ensinando Libras para os alunos ouvintes, quando apareciam dúvidas iam perguntando e compartilhando.

E2: Não é assim, eu quero fazer um projeto e vou entrar, tem edital, precisa de divulgação da informação, e-mail, ou alguém pergunta, olha vai ter um projeto você quer participar? Ai se eu me interessar eu entro. Eu participo do projeto de extensão, próprio da UFPB, pra fazer sistema do site, eu me interessei muito, eu acho pra conseguir participar do curso pra fazer o projeto, precisa que me esforce, correr atrás para ver o que que eu quero fazer, também tem que ficar ligado olhar sempre no site, no e-mail próprio da UFPB que avisa, porque sempre avisam e quando tem oportunidade de projeto, requer esforço, estudo, vai depender muito da pessoa.

Como podemos notar nas respostas dadas pelos/as estudantes entrevistados/as apresentam um pouco de suas experiências com projetos de extensão, expondo que para ser inserido em projetos de extensão é preciso estar atento aos processos de seleção, também é importante que a universidade se preocupe em incluir estes alunos/as, por meio de convites muito bem informativos e acessíveis, no caso, para os alunos/as surdos/as, os projetos precisam estar sendo ofertados também em Libras para que eles consigam se inserir nos mesmos. E1 relatou que participou como voluntário de um projeto de extensão em Libras, em que ensinava Libras para alunos/as ouvintes, já E2 relatou que participa de um projeto de desenvolvimento de sites e que tem se interessado muito e para conseguir participar e permanecer no projeto é preciso se esforçar, estudar e correr atrás dos objetivos que deseja, e que isso depende de cada um.

Assim como o ensino, a pesquisa e a extensão precisam também ser efetivadas para os/as estudantes surdos/as, nesse sentido o documento “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”, diz que:

Na educação superior, a transversalidade da educação especial se efetiva por meio de ações que promovam o acesso, a permanência e a participação dos alunos. Estas ações envolvem o planejamento e a organização de recursos e serviços para a promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos, que devem ser disponibilizados nos processos seletivos e no desenvolvimento de todas as atividades que envolvem o ensino, a pesquisa e a extensão. (BRASIL, 2008, p. 17).

A educação, como um todo, em seus mais variados níveis, precisa sempre estar pautada na inclusão, permitindo que todas as pessoas possam ter acesso e usufruam de todos os seus direitos garantidos pela constituição. Ainda relacionado ao contexto sobre projetos de extensão, considere interessante durante a entrevista perguntar a E1 sobre qual a percepção dele/dela

para com a relação aos alunos da extensão e a Libras no momento das aulas, e como foi tal experiência? E1 respondeu da seguinte maneira:

E1: Bem, no ano de 2019 eu fiz o curso de Instrutor de Libras na Funad, então eu conheço como ensinar libras, fazer atividades com os ouvintes, foi muito importante para eu conhecer a Língua brasileira de Sinais lá atrás, aprendi fui desenvolvendo e tenho vontade de aprender mais para ensinar, todo mundo precisa aprender para se comunicar com as pessoas surdas, e se tiver dúvidas, perguntas, em todas as profissões precisa, o contador pode e precisa aprender, o arquiteto precisa aprender, tem muitas pessoas que tem interesse de aprender libras, precisa de interesse e querer aprender a Libras.

Em análise consideramos a resposta de E1 muito importante e consciente da importância da Libras para a pessoa surda. Quando E1 diz que a Libras precisa estar em todas as profissões e que todos precisam se comunicar com as pessoas surdas é na verdade que a sociedade supere os desafios da implementação do ensino de Libras, apesar de todos os avanços que a comunidade surda já conseguiu é preciso avançar ainda mais para que as barreiras de comunicação sejam quebradas.

É avançando na comunicação entre os pares que vão sendo postos em evidências grupos que por muito tempo foram sub-representados em nossa sociedade, assim, dialogar sobre as diversidades de culturas e línguas que existem em nosso país é criar novos espaços e oportunidades para todos. Por isso que a cultura surda, a Libras, o ensino da pessoa surda precisa ser colocado cada vez mais em um lugar de evidência para que seja compreendido. E ao adentrarmos nesse espaço de discussão foi realizado o sexto questionamento previsto no questionário da entrevista: Na sua opinião o que você considera importante, e o que poderia melhorar para o ensino para o aluno surdo? O que falta? E o que você considera como positivo?

E1: Falta por exemplo, adaptação nos textos, muitas palavras do português eu não conheço e isso é difícil, então eu baixei o programa *Hand Talk* no celular, uso ele, digito a palavra e aparece o sinal, mas para traduzir um texto longo não funciona, é difícil, então precisa ser traduzido. Existe sempre essa barreira de comunicação com a família nos grupos de *WhatsApp*, nesse contexto remoto sempre tem ouvintes conversando, ou mandam áudio, eu não consigo ouvir nada, no grupo do meu curso por exemplo, sempre mandam áudio, eu vejo, e é bem difícil, nesse caso é melhor escrever e enviar, áudio não.

E2: Falta que os professores conheçam mais a vida do surdo, falta também mais acessibilidade, falta mais intérpretes na universidade, a gente sofre, fica esperando o intérprete ter a oportunidade de traduzir, o surdo às vezes não sabe traduzir o que está escrito no texto, precisa de ajuda do intérprete para dizer como se traduz. Às vezes eu tenho dificuldade, por exemplo, o professor não lembra que tem um aluno surdo e coloca durante a aula, vídeo, música sem legenda, então eu acho que falta conhecimento, falta mais informações para ser divulgado para os professores, os professores precisam de capacitação, para melhorar o ensino das pessoas com deficiência, para melhorar a inclusão. É muito difícil você ver um grupo de ouvinte na sala de aula e apenas um surdo, depende muito do curso que você está, por exemplo eu, curso ciências da computação, sou a única surda, e mais, a única mulher surda, a maioria é homem, então são tem muitos desafios para superar.

Sabemos que a educação é complexa e desafiadora que exige muita reflexão e conhecimentos dos mais variados, é sabido também que a educação de pessoas surdas tem suas particularidades e necessita também de muito estudo e apreciação e somando tudo isso ao ensino superior em um contexto de pandemia tudo é intensificado. E todo esse cenário nos faz rememorar o que Paulo Freire (1997) nos diz já a algum tempo “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Se nós somos os protagonistas da nossa sociedade e não mudamos, a educação sozinha não conseguirá, porque nós somos os agentes de transformação e, a educação é o meio pelo qual podemos ser transformados e consequentemente transformar a sociedade, e para que isso aconteça é preciso que o trabalho seja colaborativo entre todos os envolvidos.

Como se pode observar no relato, E1 fala de sua dificuldade de compreensão com a língua portuguesa, o relato desse/a estudante não é algo isolado, mas algo recorrente dentro do discurso de uma pessoa surda e que é preciso que seja dada atenção a isso. A Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e em parágrafo único diz também que “a Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”.

Assim, é preciso que haja compreensão e entendimento de todos envolvidos no processo de ensino, já discutimos anteriormente sobre as possibilidades de adaptações nos processos de avaliações para que haja flexibilização da correção e que seja priorizado a semântica em detrimento a gramática. E cabe nesse momento enfatizarmos que a língua portuguesa é uma segunda língua para as pessoas surdas e mesmo que sejam usados recursos tecnológicos para a tradução, em situações específicas, será necessário que a tradução seja feita por um profissional especializado para tal função, visto que no momento de uma tradução é preciso também levar

em consideração as questões contextuais para que a compreensão aconteça de maneira clara e objetiva sem que haja ruídos.

Com base em tudo isso é preciso que todos os envolvidos nessa conjuntura de ensino se interessem sobre as questões do contexto da pessoa surda, sobre a inclusão, a acessibilidade, a Libras, a cultura, sobre identidade surda, sobre a aquisição do português como uma segunda língua. Goettert (2019, p. 134), quando fala sobre a construção da identidade por meio da comunicação diz que “o professor que conhece a identidade e a cultura surda, em tese, tem mais condições de mostrar que o conhecimento da estrutura da língua portuguesa auxilia no desenvolvimento de conceitos historicamente elaborados pela sociedade e formalizados pela cultura escrita”. E é exatamente isso que se traduz a partir das respostas dos entrevistados, é sobre as barreiras de comunicação é sobre a falta de compreensão sobre a surdez e seus aspectos. Essa discussão nos mostra que cada um assume papéis diversos dentro da sociedade, seja no ambiente familiar ou de trabalho ou em tantos outros, e que devemos estar atentos às diferenças do outro que precisam ser vistas e respeitadas. É responsabilidade de todos promover a inclusão e a acessibilidade.

Em seguida realizei a sétima pergunta que trata justamente sobre a acessibilidade das plataformas digitais durante as aulas remotas: Na sua opinião você considera as plataformas digitais, como por exemplo, o Moodle Classes, Sigaa, acessível às suas necessidades? De que forma elas têm colaborado?

E1: Eu não conheço muito, quando tenho dúvidas eu pergunto ao apoiador, pergunto sobre os sites, textos, artigos, por exemplo, eu não posso copiar do texto dos sites, eu pesquiso e dou a minha própria opinião, o apoiador sempre fala que devo colocar a minha resposta, a minha opinião seguindo as regras da ABNT, é preciso respeitar essas regras, seja na atividade, no projeto, nos trabalhos, assim eu tenho desenvolvido. O Moodle Classes, nunca usei, não conheço, minhas aulas sempre são no Google Meet. O Sigaa eu conheço, o professor coloca os textos lá, eu acesso, pego o texto ou vejo o assunto, mas os textos eu sempre preciso que sejam traduzidos, às vezes tem vídeos, uns tem legendas e outros não tem.

E2: No começo era difícil, no Sigaa são muitas informações e você se perde, quer saber da nota, é muita coisa, quero saber sobre bolsa, procura, é muita informação, então é complicado. O Moodle Classes é mais ou menos tem algumas dificuldades, mas dá pra aprender com o tempo, usando as ferramentas todos os dias, vai aprendendo, então eu consegui, foi ficando claro, mas o Sigaa não é um site fácil de acessar não.

De acordo com as respostas dos/as estudantes entrevistados, podemos notar algumas dificuldades por parte deles em acessar essas plataformas no início do contato, mas depois foram se adaptando e ficando cada vez mais prático de usá-las. Notamos também a figura do apoiador como um agente importante nesse processo de adaptação pois eles auxiliam os alunos apoiados em diversas atividades inclusive no manuseio e acesso a essas plataformas. É importante levar em consideração os recursos de acessibilidade que algumas destas plataformas citadas por eles/as possuem, um avatar que traduz para a língua sinais as informações contidas nas páginas, o Moodle Classes por exemplo possui o Vlibras integrado e que realiza essa tradução, já o Sigaa não possui essa ferramenta de adaptação e isso acaba dificultando um pouco a compreensão desses alunos. Como podemos ver através das respostas dadas, muitas dúvidas ainda existem para esses estudantes no tocante ao acesso às plataformas digitais adotadas, sem dúvidas ainda é preciso avançar nessas questões.

Diante das considerações feitas pelos/as entrevistados/as, consideramos pertinente realizar mais um questionamento: Como é realizado esse apoio dado pelo aluno apoiador? E obtivemos as seguintes respostas:

E1: Sim, o apoiador sempre manda o link da aula pra mim, com antecedência, avisa ao professor se a minha internet está com problemas, ele faz os resumos das aulas, sempre compartilhando, textos muito longos eu não consigo, então compartilho o documento word e ele vai me ajudando a organizar o texto.

E2: Eu não tenho, é difícil ter um apoiador que conecta o horário junto com do seu curso, o meu curso é muito difícil ter um aluno apoiador, às vezes não bate o horário, por exemplo, eu faço um curso e o apoiador de outro curso, depende muito do horário. Antes quando eu tinha um apoiador, ele sentava do meu lado, mas tinha muita conversa não, ele só escrevia, anotava as coisas importantes que estava ouvindo, o que o professor falava e depois fazia um resumo em PDF mandava para mim e eu lia, só não tinha o contato próximo.

No início deste capítulo, mais precisamente no primeiro questionamento, esclarecemos um pouco sobre o Programa de Apoio aos Estudantes com Deficiência, mas a partir desse último questionamento explicaremos um pouco mais sobre as orientações sobre o funcionamento do programa e consequentemente sobre esse sujeito aluno apoiador que aparece constantemente nas narrativas dos/as estudantes entrevistados/as. O CIA, considerando a crise sanitária da Covid-19, desenvolveu estratégias de apoio específicas para o período remoto que foram lançadas na Cartilha para o aluno apoiador (2021), e define o aluno apoiador como “um

mediador entre o docente e o aluno, e entre o aluno e os materiais pedagógico, para facilitar o desempenho estudantil”. (UFPB, 2021, p. 15).

Nesse sentido E1 ao responder à questão diz que tem um aluno/a apoiador/a que o acompanhando e que o mesmo o auxilia no acesso às aulas e em caso do surgimento de algum problema faz a intermediação com o professor, além de fazer os resumos das aulas, auxilia na construção e organização de textos. Já E2 relata que não tem aluno apoiador, mas que já teve, e que a maior dificuldade para conseguir ser acompanhada por um/a aluno/a apoiador/a é o choque de horário entre o/a estudante apoiado/a e o/a aluno/a apoiador/a, menciona ainda que quando era acompanhada o aluno apoiador anotava as questões mais importantes da aula. A partir das respostas dadas é possível perceber que a presença do/a aluno/a apoiador/a é sido importante, mas que ainda há algumas lacunas a serem solucionadas, por exemplo, alguns alunos não possuem esse suporte devido à incompatibilidade de horários entre o apoiado e o apoiador, ou até mesmo por falta de apoiadores cadastrados para atender essas demandas.

A cartilha atenta ainda para os diferentes papéis dos alunos apoiadores de estudantes surdos/as, e que isso diferencia visto os vários níveis de surdez. No que diz respeito ao apoio na surdez parcial com leitura labial:

O apoio aos alunos surdos que fazem leitura labial deve garantir que estes alunos sentem-se sempre na frente em sala de aula e o apoiador deve orientar, quando for necessário, que o professor fale de frente para o aluno surdo para que ele possa fazer a leitura labial. -Em casos que não seja possível que o professor fale de frente para o aluno surdo, o apoiador precisa repetir o que o professor fala durante a aula, de frente para o aluno para que seja possível a leitura labial. (UFPB, 2021, p. 69)

No caso do apoio na surdez total a orientação é que o apoiador saiba Libras ou tenha interesse e tempo para aprendê-la para que a comunicação aconteça e assim a inclusão seja garantida. Além disso, é papel do aluno/a apoiador/a apoiar nas questões da língua portuguesa escrita. Como se pode perceber a permanência de um aluno/a surdo/a requer adaptação, conhecimento sobre as especificidade e preparo para atender as demandas. Todas essas experiências relatadas aqui revelam para além dos desafios encontrados no ensino superior de um/uma estudante surdo/a, mostra principalmente o que é preciso ser feito para amenizar ou até mesmo e extinguir a exclusão e a inacessibilidade, mas sabemos que não depende apenas das leis, mas de cada um que convive em nossa sociedade, parte do interesse ou da necessidade de conhecer sobre as questões que são do contexto da vida da PCD, é uma responsabilidade de todos que estão a volta.

4. EXPERIÊNCIAS DA PESQUISADORA NO ENSINO SUPERIOR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Da mesma maneira que experienciei momentos satisfatórios vivenciei também alguns momentos difíceis, mas que me fizeram refletir sobre a educação das pessoas surdas, sobre a importância das adaptações de aulas, materiais, atividades, provas, espaços e tantos outros. Na verdade, a história das pessoas surdas e da educação das pessoas surdas é marcada por muitas lutas, houve muita exclusão, discriminação. De acordo com Dorziat et al (2020, p. 1), “as pessoas surdas estão, historicamente, submetidas a uma visão patológica e controladora, que nega sua diferença cultural e tenta normalizar as identidades”. Diante disso, penso que é preciso unir os conhecimentos e romper qualquer barreira que resulte em exclusão e, pensando nisso, tenho buscado fazer a minha parte, estudando e pesquisando sobre a perspectiva dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais, o que tem me direcionado a uma maior compreensão de questões que envolvem a identidade e a diferença, a cultura e a educação das pessoas surdas.

A partir das leituras com base nesses campos teóricos, compreendo que com surgimento dos Estudos Culturais houve o rompimento de vários padrões pregados na sociedade, assim, a visão histórica que hierarquizava determinadas culturas e sub-representava outras, passa a ser confrontada e as discussões sobre os diferentes grupos sociais são olhados de outra forma e ocupam os espaços na sociedade que também são seus. Aprender sobre isso me fez enxergar que os Estudos Surdos têm se preocupado com as mais diversas questões que envolvem as pessoas surdas, e é por isso que, na relação com os Estudos Culturais, contribuem com discussões importantes para a educação. Skliar (2005, p. 5), afirma que “os Estudos Surdos se constituem como um programa de pesquisa em educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir do seu reconhecimento político”. É fundamentada em tudo isso que tenho tentado diariamente me aproximar cada vez mais desses campos de estudo para que eu possa enquanto pessoa, enquanto professora, fazer a minha parte na e pela educação e sociedade, com o objetivo de fortalecer a inclusão.

Durante o período de pandemia de Covid-19, tudo aconteceu de repente, foi um susto, as universidades fecharam as portas e passamos a estudar em casa pelo computador, remotamente, e eu me perguntei que palavra era essa “remoto”, então os apoiadores que sempre estiveram juntos comigo, fizemos uma vídeo chamada para me explicar e ensinar e assim eu aprendi, tudo era feito virtualmente, foram me apresentando, sobre como acessar o Google Meet, Zoom Meeting e tantas outras plataformas, fui aprendendo. Antes disso eu não conhecia

esse novo formato de aulas adotadas, minha família também não conhecia como seria essas aulas remotas, então os apoiadores me ensinaram esse novo conceito e como funcionava toda essa tecnologia. De acordo com Goetttert (2019), as tecnologias têm oportunizado mais autonomia, independência, têm promovido a socialização e, contribuído significativamente para a escrita das pessoas surdas.

As novas tecnologias propiciam um novo tipo de exercício de escrita, facilitando a aprendizagem com base no ato de comunicar e na necessidade de clareza na comunicação a distância. Ao olhar para o passado, é possível perceber que se vive em um momento marcante na cultura surda, merecedor de pesquisas que permitam o acompanhamento dessas mudanças. (GOETTERT, 2019, p. 134).

Esses vários recursos tecnológicos fizeram me aproximar ainda mais do exercício da escrita e isso é um ganho muito significativo para mim e tem melhorando todos os aspectos da minha vida, é algo ainda desafiador, mas sinto que tenho ganhado a cada nova leitura, tenho consciência da importância das pessoas surdas de aprender a língua portuguesa, é ampliar os horizontes da comunicação.

Ainda sobre o trabalho dos apoiadores nessa modalidade remota, foi uma experiência muito boa, satisfatória, todos os dias estávamos conectados pelo computador durante as atividades, nos seminários, tudo era organizado e eu aprendia e consegui aprender o que era proposto e, quando eu não entendia, eles explicavam novamente, por exemplo nas plataformas do Sigaa, o Moodle Classes, eu não tinha tanta familiaridade, com o tempo fui me adaptando. Com o decorrer dos períodos suplementares tudo foi sendo aprofundado e foi ficando cada vez mais prático em relação ao uso das tecnologias, as aulas síncronas, as lives, não havia o uso do quadro, mas tinha os slides, nesse sentido as tecnologias foram muito importantes nos aproximou uma vez que não poderíamos estar juntos presencialmente. Além disso, ficou bem mais acessível de participar de palestras não precisava se deslocar, por exemplo quem mora nas cidades do interior tiveram oportunidades de participar dentro de suas próprias casas, e os assuntos eram os mais variados, da mesma forma foram os projetos, os cursos de extensão em Libras, inclusive que eu tive a oportunidade de atuar como monitora das aulas. Nessa fase de monitoria pude perceber que os alunos estavam muito interessados, foi uma experiência muito boa e importante para mim como professora.

Quanto às desvantagens do ensino remoto, foram os problemas com a internet, perdia a conexão, isso foi verdadeiramente difícil e acontecia com todas as pessoas que estavam conectadas pelas redes. Então, era preciso muita compreensão e empatia nesse sentido, principalmente porque muitos alunos moram nas cidades do interior, comigo aconteceu isso também, no momento de um seminário por exemplo era um sofrimento. Outra dificuldade para

mim era a internet dos intérpretes quando perdiam também a conexão e acabava havendo muita substituição, eu ficava procurando-os a todo momento, abria a câmera e sinalizava para que o outro pudesse fazer a substituição, muitas vezes, a imagem travava e a substituição não acontecia e eu ficava nervosa tentando contato por mensagem, isso tudo me deixava um pouco cansada porque eu acabava perdendo muita explicação e me entristecia.

Na maioria das vezes, era exigido que eu deixasse a câmera ligada, enquanto os outros alunos eram livres para ficarem com as câmeras abertas ou fechadas, e eu a única que tinha que ficar com a câmera ligada, era uma exigência muito forte comigo, mas eu também tenho o direito de ligar ou desligar a câmera assim como os outros alunos, eu sentia como se fosse mais uma barreira e isso é muito complicado e sério, eu só queria que fosse normal ligar e desligar como era com os alunos ouvintes, algo natural, mas na verdade era difícil, eu sentia como uma exigência diretamente pra mim e eu não gostava dessa situação e fechava a minha câmera também.

No que se refere às adaptações, durante esse período, eu sempre senti que faltava as adaptações por parte dos professores, uma aula que fosse mais expositiva que utilizasse um pouco mais dos signos visuais. Quanto às avaliações, a maioria passou a ser em dupla, mas uma adaptação específica para uma pessoa surda eu senti falta. Quando ocorria uma prova de forma individual, cada aluno ouvinte fazia suas provas sem a intervenção do professor, no meu caso era feito uma chamada de vídeo com o intérprete e o professor ficava me olhando, e eu me perguntava, por que com os outros alunos não era assim e comigo tinha que ser? Enquanto os demais alunos trocavam mensagens pelo WhatsApp em caso de dúvidas e eu, unicamente precisava está em um vídeo chamada sendo olhada, me sentia como se estivesse sendo vigiada, para mim isso não era uma adaptação, me sentia incomodada, não gostava desse formato de avaliação, até que relatei em outro momento para o professor e o mesmo explicou que a intenção de permanecer na chamada de vídeo era caso eu tivesse alguma dúvida, em todo caso essa pratica não me ajudava em nada só me fazia sentir vigiada e nervosa.

Diante de todo esse relato de experiência sinto que a minha visão de mundo se ampliou, meu conhecimento cresceu, comparando o meu desenvolvimento antes e depois do curso de letras língua portuguesa, antes era como se eu estivesse com os olhos um pouco fechados, e depois do curso isso foi ficando diferente o meu campo de visão é maior, eu me sinto e me percebo completamente diferente, o meu nível de conhecimento, minhas percepções, as minhas leituras de mundo são outras, participei de projetos de extensão, projetos de pesquisa, produzi artigos e tantas outras participações minhas seja nos eventos ou até mesmo na sala de aula, eu tive oportunidades de estar no meu lugar de fala enquanto pessoa surda, e fiz e tenho feito o

meu papel, foram inúmeras adversidades que não caberiam ser relatadas aqui, mas eu tenho lutado pelos meus espaços e tenho conseguido exitosamente. Hoje, em toda minha subjetividade, sou uma apaixonada pela literatura.

5. EXPERIÊNCIAS CONCLUSIVAS

Desenvolver esta pesquisa foi muito relevante, é um feito de grande importância em especial para os/as estudantes surdos e surdas que puderam participar. Buscar entender como aconteceu o ensino remoto no nível superior por meio das experiências dos/as estudantes surdos/as do Campus IV da UFPB, é uma forma de fortalecimento dos diálogos e discussões decorrentes do Estudos Surdos e Estudos Culturais, é romper paradigmas, preconceitos, exclusão e opressão. É principalmente evidenciar as pessoas surdas a partir da sua singularidade e diferenças.

As narrativas dos/as estudantes surdos/as evidenciaram o quanto foi desafiador o processo de inclusão e acessibilidade, no período de pandemia de Covid-19, as questões sobre as tecnologias que assumiram um papel de grande importância e exigiu de todos os envolvidos muito esforço e adaptação de forma repentina para que fosse possível continuar com o ensino, tal realidade não foi favorável para as trocas necessárias na língua de sinais, mesmo assim ainda obtiveram resultados positivos.

Esses resultados, em meio a um cenário difícil cheio de obstáculos, evidenciaram o quanto são importantes as políticas de inclusão e acessibilidade e assim como também a assistência estudantil, as quais minimizaram as dificuldades oportunizando a permanência dos/as estudantes surdos/as na universidade. Assim, os serviços de tradução, interpretação, adaptação de materiais são essenciais a todo momento na jornada acadêmica para esses alunos/as surdos/as. Além disso, o Programa Aluno Apoiador idealizado pelo CIA – UFPB ganhou destaque nas narrativas acerca das experiências dos/as estudantes surdos/as, é um programa de fundamental importância que atende e respeita as especificidades educacionais dos estudantes atendidos pelo programa, no caso dessa pesquisa da pessoa surda. Os trabalhos desenvolvidos pelos profissionais intérpretes e alunos/as apoiadores têm contribuído para a permanência dos/as estudantes surdos/as.

Por meio das narrativas analisadas foi possível conhecer, identificar e entender as dificuldades que cada participante da pesquisa vivenciou durante esse período pandêmico, vimos que esses/as estudantes passaram por grandes desafios em busca de garantir seus direitos como a presença do profissional tradutor intérprete de libras, ser atendido pelo Programa Aluno Apoiador para que assim pudessem ser auxiliados nas aulas e nas diversas atividades solicitadas pelos/as docentes e ainda no processo de adaptação das aulas remotas e o uso das tecnologias utilizadas durante esse período e assim como também na realização de adaptações de resumos

e reuniões de estudos. Vimos que muitos dos desafios foram solucionados, mas aqueles casos de ausência possam ser cada vez mais investigados e elucidados para que não haja prejuízos para os alunos assistidos.

No que diz respeito aos processos educativos foi possível perceber durante as análises e reflexões sobre as experiências que ainda falta metodologias por parte dos professores que viabilizem a adaptação de aulas, provas, materiais e demais atividades, outra exposição importante feita pelos/as entrevistados/as é que há um certo distanciamento entre eles/as e os/as docentes e que isso se dá principalmente pelo fato da maioria desses/as profissionais ou senão todos/as não conhecerem a Libras, além disso a distância física que a pandemia exigiu, isso com toda certeza dificultou ainda mais as relações e interações entre esses sujeitos. Para que seja solucionado as faltas de adaptações é preciso capacitações, pesquisa e empenho de cada uma para que a inclusão e a acessibilidade sejam efetivadas.

Para além do ensino remoto, identificou-se a partir das experiências educacionais vivenciadas por cada um/a estudante que participou da pesquisa, entende-se que mesmo sendo sujeitos expostos a acontecimentos comuns para todos/as foi perceptível nas narrativas que o saber adquirido foi particular, pessoal, singular, assim compreendemos com toda essa subjetividade é que os/as estudantes surdos/as assumiram e tem assumido um lugar de protagonismo nos espaços acadêmicos seja quando participaram de lives e demais eventos on-line, na busca de projetos de pesquisa que lhe motivaram, na participação e atuação na extensão onde puderam compartilhar conhecimentos, cultura, opiniões e outros para seus pares. Assim como também na conclusão de pesquisas com os resultados traduzidos a partir de muito estudo, dedicação e empenho apresentados a curto ou a longo prazo, como por exemplo a minha identificação com a pesquisa que se efetivou e trouxe resultados importantes descritos ao longo de todo este trabalho.

Diante disso, é possível compreender que é preciso o fortalecimento de um trabalho colaborativo entre as políticas de inclusão e acessibilidade, as políticas de assistência estudantil, professores/as, estudantes surdos/as, estudantes apoiadores, na verdade toda a comunidade acadêmica estejam juntos e para além das salas de aula, para que esses estudantes surdos/as possam participar de forma inclusiva e acessível também, das pesquisas e das extensões e assim participem das produções de conhecimentos.

A partir de tudo que foi discutido até aqui, compreende-se o quão foi difícil e desafiador para todos os envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem durante as aulas remotas, mas precisamos atentar também que cada um tentou fazer sua parte. No entanto, preciso reafirmar que os/as alunos/as surdos/surdas não podem ficar sem assistência e os seus direitos

precisam sim ser respeitados para que possam ter um ensino de qualidade, acessível e inclusivo em que suas especificidades sejam atendidas como rege a legislação.

Com a conclusão deste trabalho eu encerro um ciclo, mas não a minha luta pelo respeito as diferenças. Foram as minhas experiências que me trouxeram até aqui, não foi fácil e não foram poucas, mas me atravessaram de tal forma que eu pude refletir sobre mim mesma, sobre minhas paixões, e força que eu nem sabia que tinha tanta, que me levou e tem me levado a lugares inimagináveis. O conhecimento é libertador, é caminho para novas perspectivas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, FC., et al. Educação de surdos em nível superior: desafios vivenciados nos espaços acadêmicos. In: ALMEIDA, WG., org. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 27-47. ISBN 978-85-7455-445-7.
- BONDÍA, J. L. **Notas sobre experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. Campinas, nº 10, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- BRASIL, **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em 08 de abril de 2023.
- BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em: 12 de abril de 2023.
- BRASIL, **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 09 de abril de 2023.
- BRASIL, **Diário Oficial da União**. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Disponível em: Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>> Acesso em: 09 de abril de 2023.
- BRASIL, **Portaria nº 3.284, de 7 de novembro de 2003**. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/port3284.pdf>> Acesso em: 12 de abril de 2023.
- BRASIL, **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>> Acesso em: 12 de abril de 2023.
- BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em: 12 de abril de 2023.
- BRASIL, **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamentação da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>> Acesso em: 09 de abril de 2023.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA** Sobre Princípios, Políticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 14 de abril de 2023.
- DORZIAT, A; MORAIS, M. M. de; CARVALHO, L. S. M. de; ROMÁRIO, L. **Estudos Culturais e Estudos Surdos: aproximações conceituais**. 2020. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/n8vvcev>> Acesso: 14 de abril de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T (organizadoras). **Métodos de pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábolas, 2009.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 6. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GOETTERT, Nelson. As tecnologias como ferramentas auxiliares na comunicação em língua portuguesa para usuários de língua brasileira de sinais. In: CORREIA, YGOR; CRUZ, CARINA. **Língua brasileira de sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico, 2ª Ed., Novo Hamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf> Acesso em: 18 de maio de 2023.

SKIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto alegre: Mediação. 2005.

SOUZA, G. A. 2022. **Experiências de professores/as com estudantes surdos/as**: ensino superior em tempos de pandemia de Covid-19. TCC (Graduação em Letras Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba. Mamanguape, 2022.

SANTOS, R. P. H. L. **O contexto da docência da educação superior e a comunicação online**: considerações de uma professora surda sobre o uso das tecnologias pós-março de 2020. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional Uninter. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/600/Vers%c3%a3o%20Final_Disserta%c3%a7%c3%a3o_Rafaela%20Piekarski%20Hoebel%20Lopes%20Dos%20Santos.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 12 de abril de 2023.

UFPB, **Resolução 34/2013 de 26 de novembro de 2013**. Comitê de inclusão e Acessibilidade. Disponível em: <<https://www.ufpb.br/cia/contents/menu/cia-2/resolucoes/resolucao-que-institui-a-politica-de-inclusao-e-acessibilidade-na-ufpb-e-cria-o-cia.pdf/view>> Acesso em: 12 de abril de 2023.

UFPB. Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência: **Manual de orientações ao estudante apoiador**. Comitê de Inclusão e Acessibilidade. João Pessoa: UFPB, 2016. Disponível em: < <https://www.ufpb.br/cia/contents/manuais/cartilha-de-orientacao-para-apoiadores-2.pdf>> Acesso em: 12 de abril de 2023.

UFPB, **Cartilha de orientações para docentes**: como receber os estudantes surdos no período remoto. Comitê de Inclusão e Acessibilidade. João Pessoa: UFPB, 2021. Disponível em:<<https://www.ufpb.br/cia/contents/manuais/cartilha-ensino-a-alunos-com-surdez-2.pdf/view>> Acesso em: 12 de abril de 2023.

UFPB, **Cartilha para o aluno apoiador**. Comitê de Inclusão e Acessibilidade. João Pessoa: UFPB, 2021. Disponível em: <http://www.ct.ufpb.br/ct/contents/estagios/cia-publica-editalpara-selecao-de-alunos-apoiadores/Cartilha_apoiador_verso_2021_1.pdf> Acesso em: 12 de abril de 2023.

ZILIO, Virginia Maria. A língua surda. In: LOPES, Maura Corcini (org.). **Cultura surda e Libras**. Unisinos, 2012.